

ESPAÇO E CULTURA EM CATAGUASES/MG

Marcos Mergarejo Netto¹
Alexandre M A Diniz²

Berço do movimento cultural iniciado na década de 1920, a cidade de Cataguases, guarda em sua paisagem marcas indeléveis de um significativo patrimônio cultural legado pelo movimento modernista. Esse período foi marco relevante no processo de ocupação, construção e valorização da cidade.

O vetor inicial do crescimento urbano e da organização espacial de Cataguases foi a economia cafeeira. Posteriormente, a indústria de tecidos redirecionou o capital e reorganizou a economia local, empreendendo uma vigorosa reestruturação urbana. Na década de 1940, a capacidade de convencimento e disponibilidade financeira de um dos agentes do movimento modernista inaugurado na década de 1920 fez com que fabulosas inversões arquitetônicas, urbanísticas e culturais fossem realizadas em Cataguases, transformando a cidade num pólo cultural de projeção nacional.

Desta forma, Cataguases expressa, concretamente, os processos sociais na forma de um ambiente físico construído sobre o espaço geográfico tornando-se assim, um reflexo das características da sociedade local, uma vez que, o espaço cumpre sua função de expressar as estruturas sociais, em suas mais diversas dimensões.

O presente trabalho debruça-se sobre a evolução histórica de Cataguases do segundo quartel do século XX, enfatizando a constituição e desenvolvimento do tecido urbano e seus determinantes sócio-econômicos.

Palavras-chave: cultura, espaço e valorização.

¹ Graduado em Geografia pela UFMG, Mestrando em Geologia Ambiental pela UFOP – mnetto@click21.com.br

² PhD. em Geografia. Prof. Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial PUC-Minas. aldiniz@bhnet.com.br

Introdução

Considerando as décadas de 20,30 e 40 do século passado, o presente trabalho busca conhecer, discutir e entender o processo que permitiu a construção e valorização do espaço urbano de Cataguases/MG, tendo como pano de fundo um processo cultural que através da ocupação, produção e valorização de seu espaço, com reflexo no urbanismo e arquitetura, projetou a cidade no cenário nacional.

As marcas indeléveis que a cidade de Cataguases guarda em sua paisagem, são parte de um significativo patrimônio cultural literário, artístico e arquitetônico, destacando-se assim de outras cidades brasileiras do mesmo porte. Por isso mesmo, inquieta-nos conhecer tal processo ocorrido na cidade, buscando respostas e investigando este processo, entendendo que tal legado está assentado naquele movimento, estabelecendo e desenvolvendo assim uma “vocalização” para a modernidade.

Historicamente, Cataguases se inscreveu na década de 1920, como marco dessa construção. Devemos de fato considerá-la significativa à construção do processo de ocupação, construção e valorização de seu espaço urbano? Quais foram os fatores fundamentais que apontaram para tal? Tratando-se de ser um movimento duradouro e que tenha oferecido motivações para as décadas seguintes, quais foram as transformações ocorridas que as tornariam notáveis? Os instrumentos utilizados continuavam os mesmos, bem como seus agentes; ou novos agentes e motivações influenciavam outras transformações?

As modificações ocorridas na cidade naquele período, por certo que se efetivaram repercutindo na sociedade e na economia; questiona-se então até que ponto a lavoura cafeeira, a industrialização e naturalmente o movimento modernista tiveram influência nas marcas que a cidade inscreveu em seu espaço, participando efetivamente do processo de ocupação e valorização do meio urbano. Ressalte-se que o período em questão foi marcado por alguns fatos significativos na história: na década de 20 temos a Semana da Arte Moderna, na de 30 o Estado Novo e na de 40 a Segunda Grande Guerra. São, portanto, marcos que inegavelmente pontificarão características ao processo em questão.

Aspectos Conceituais e Teóricos

A dinâmica cultural é extremamente diversa, desde sua origem, à sua difusão e evolução no tempo e no espaço; ela é, sem dúvida, resultante da ação transformadora do

homem sobre a natureza. Proporciona um conjunto de formas materiais, dispostas e articuladas no espaço, com padrões e variedades de estilos e cores, compreensível no tempo, dependendo da própria cultura que a originou.

Segundo CORRÊA (2001), a paisagem cultural é uma vitrine permanente de todo o saber, expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica. Conseqüentemente, por ser um produto da apropriação e transformação da natureza, cabe ao geógrafo, a decodificação e leitura desse significado. Por sua vez, o espaço também é um campo de representações simbólicas, rico em signos que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais em suas mais diversas dimensões, onde o simbolismo ganha materialidade.

Tratando-se então que os reflexos na paisagem são provocados pelas sociedades, MORAES (1999), aborda em sua obra sobre as sociedades humanas, e como as mesmas, para reproduzirem as condições de sua existência, estabelecem relações vitais com seu espaço. Para tanto explica essa evolução histórica que nos ajuda a compreender o processo de valorização do espaço, seus impactos e reflexos na sociedade, na economia e também no meio cultural, oportunamente cita o geógrafo Milton Santos que ensina: *“produzir é produzir espaço.”*

CORRÊA enseja na mesma questão, quando afirma (2001: 148):

“É conveniente lembrar, contudo, que o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente, como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais presentes. Nesse sentido o espaço urbano pode ser o reflexo de uma seqüência de formas espaciais que coexistem lado a lado, cada uma sendo originária de um dado momento.”

A sociedade como força produtiva, aliada aos meios por ela mesma criados, é o agente da transformação; seja travestida de arquitetos ou poetas, operários ou comerciantes, não deixam de participar efetivamente do processo, seja ele perene ou transitório, dentro da relação espaço-sociedade.

HARVEY (apud CORRÊA (2001), considera a cidade como a expressão concreta de processos sociais na forma de um ambiente físico construído sobre o espaço geográfico. Vista pelo homem, a cidade é a forma de organização do espaço e o reflexo das características da sociedade, com o mérito, portanto, da universalidade, pois tal questão aplica-se em qualquer tempo e em qualquer espaço, quer pela economia, pela religião ou qualquer outra força que

lhe sirva de vetor. Tais processos sociais produzem forma, movimento e conteúdo sobre o espaço urbano, originando-lhe a organização citadina, e, possuindo características pelo uso da terra extremamente diferenciados, pelas interações próprias da sociedade, como o fluxo de capital, migrações e outros deslocamentos.

Entre os processos sociais e a organização espacial, existe um elemento mediador que são os processos espaciais, responsáveis imediatos que viabilizam forças que atuam ao longo do tempo, permitindo localizações, realocações e permanência das atividades e população sobre o espaço urbano. Naturalmente que tais processos são postos em ação pelos atores que dão forma à organização do espaço; sejam eles os proprietários dos meios de produção, proprietários de terras, associados ou não ao Estado. Cada um com sua estratégia gerando conflitos em maior ou menor grau, normalmente mediados pelo Estado.

Segundo SANTOS (1979), o modo de produção, a formação social e o espaço, são interdependentes, pois juntos formam o modo de produção, como produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo; histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social. Assim é possível dizer que os lugares não são iguais, suas diferenças são o resultado do arranjo espacial e dos modos de produção, sendo que o “valor” de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos daqueles modos de produção e da maneira como eles se combinam. SANTOS (1979: 15) ensina: “*Os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço.*”

Contudo, algumas de tais ações costumam passar despercebidas, quando há a minimização do papel do espaço na sociedade, ou seja, quando não é analisado em profundidade, SANTOS (1979), a respeito, registra dessa maneira:

“O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social.” (pág. 18)

Da mesma forma, BARRIOS (1996) explicita dessa maneira a relação entre espaço e sociedade:

“Na relação espaço / sociedade, o primeiro cumpre, como elemento físico, duas funções básicas: a de objeto da atividade humana (recursos naturais)

e a de suporte dessa mesma atividade (meio ambiente). Entretanto, é importante diferenciar as formas espaciais, como objetos inertes pertencentes ao mundo das coisas, do homem, sujeito da história.” (p. 2)

Dessa forma, o geógrafo analisa o processo de produção, porquanto o ato de produzir é produzir também o espaço. Assim como ROSSINI (1986) ensina, enquanto processo social e histórico, produtor do espaço geográfico, o que se dá na superestrutura, política, ideológica, jurídica e religiosa, da formação econômica da sociedade, à qual o modo de produção pertence.

Assim, determinado historicamente o processo de produção do espaço, terá sua produção determinada pela formação econômica daquele espaço, ou seja, o processo de produção da existência será diverso, há que se refletir do ponto de vista do sujeito, que é o agente do processo. Segundo BARRIOS (1996), as formações sociais, em sua evolução, passam de uma situação de simples ocupação e aproveitamento do espaço, para uma situação de transformação cada vez mais ampla e profunda desse espaço, compreendendo não só a produção de bens materiais, mas a adequação ao meio ambiente circundante às necessidades individuais e coletivas.

Portanto, o espaço é resultado desse movimento, que se desfaz e renova continuamente, simultaneamente com a sociedade. Imediatamente nem todos os lugares do espaço são atingidos, quando destes movimentos sociais, ao menos diretamente. Entretanto, na realidade, todos o são porque o fato de que um ponto do espaço conheça uma nova definição, através do impacto de variáveis novas, mudam as hierarquias e impõe-se uma nova ordem espacial que concerne ou não, à totalidade dos lugares. Os movimentos sociais dão condições de reação aos lugares, desse modo obrigam-nos a modificar-se, conduzindo a modificações mais ou menos grandes, rápidas ou imediatas, da totalidade dos lugares.

SANTOS (1979: 51/52), resume: “O espaço é uma realidade objetiva, um produto social e um subsistema da sociedade global, uma instância.” (...) “A urbanização é nada mais que um resultado de tais processos (...) das forças produtivas e das instâncias sociais.” O espaço é condição geral da produção e possui valor intrínseco, uma riqueza natural, não necessariamente produto do trabalho humano. Daí o espaço ser considerado o receptáculo fundamental e geral do chamado "trabalho morto" através de seu desenvolvimento histórico numa progressiva e desigual acumulação de trabalho.

Contudo o espaço não se confunde com outros objetos vulgares da produção material imediata do resultado do trabalho; é imperativamente uma condição geral da produção e da

existência humana, é matéria finita e possui qualidade de raridade relativa, é intrinsecamente desigual e seu uso não implica sua destruição, apenas modificações. O espaço apresenta, assim, a sobreposição dos resultados dos processos naturais e sociais que coexistem na contemporaneidade.

Dessa forma MARX considera que (apud MORAES 1999): *"o que faz com que uma região da Terra seja um território de caça é o fato das tribos caçarem nelas; o que transforma o solo num prolongamento do corpo do indivíduo é a agricultura"* e esclarecem que isto significa que as características inerentes ao espaço não têm sentido em si, pois o que as vivifica é a própria sociedade.

O processo histórico que combina os fatores da urbanização, e a geografização de tal processo nos dá o padrão de distribuição das cidades. SANTOS (1979), afirma que os fatores de produção e suas atividades relacionadas possuem lugar próprio no espaço, a cada momento da evolução social, portanto influem diretamente sobre a forma de organização do espaço, e conseqüentemente sobre a urbanização, mesmo que levados em conta fragmentária ou isoladamente.

A guisa de conclusão pode-se afirmar perante o que foi examinado, que os processos sociais produzindo forma, movimento e conteúdo sobre o espaço urbano, origina a organização espacial da cidade, com o conseqüente processo de valorização do espaço. É um movimento permanente e contraditório, quando negando o espaço, o destrói e sucessivamente o reconstrói, fragmenta-o tornando-o desigual, concomitante articula-se dentro de suas próprias contradições.

Metodologia e Operacionalização

As informações necessárias à materialização dos objetivos do presente estudo foram levantadas durante o que chamamos de fase compilatória, quando fontes secundárias disponíveis foram consultadas sobre dados e fatos ocorridos entre 1920 e 1949. Partiu-se, então, para a fase investigatória, quando foram utilizadas fontes primárias, através de entrevistas com um grupo de informantes-chave do processo; selecionados com base em conhecimento informal; da capacidade de julgamento, conhecimento e discernimento sobre o processo ocorrido na cidade. Para a entrevista, foi utilizado um roteiro investigativo, que, aplicado teve como objetivo principal, conhecer e inteirar-se junto ao grupo selecionado, suas opiniões e valores a respeito do tema proposto. O resultado das entrevistas serviu para a

análise e organização dos resultados e considerações finais, compondo assim um mosaico, onde se verificaram unanimidades e eventualmente diferenças de pensamento, servindo à consecução da análise.

Localização e Posição Geográfica

Cataguases é um município da Zona da Mata no Estado de Minas Gerais, ocupando 483,60 Km² da região Sudeste do Estado, limitando-se ao Norte com Guidoval e Mirai; a Leste com Santana de Cataguases e Laranjal; ao Sul com Leopoldina e a Oeste com Itamarati de Minas e Dona Euzébia.

Localiza-se na Depressão do Paraíba do Sul, às margens do Rio Pomba, a 167 metros de altitude com as coordenadas geográficas de longitude de 42°41'30" W e latitude de 21°23'10" S. 42°41'30" W e latitude de 21°23'10" S.

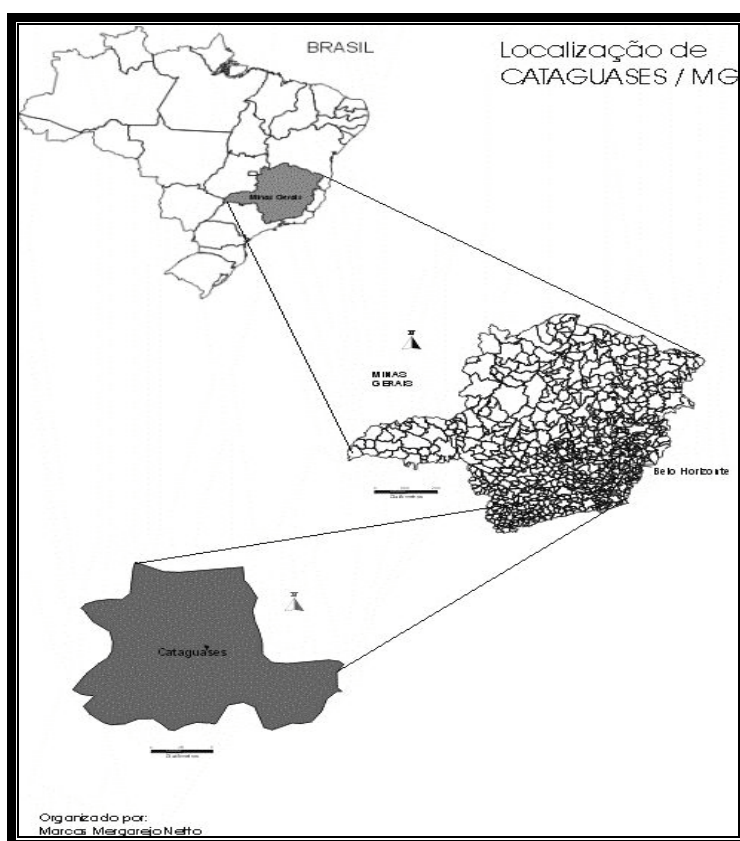


Figura 01: Mapa de localização de Cataguases

Origem e História do Município

Por volta de 1813 chegaria à Zona da Mata o francês Guido Tomaz Marlière. Antes em 1811, talvez por ser a única voz dissonante no massacre dos índios da região, teve problemas com as autoridades brasileiras, tendo sido preso por denúncia anônima, sob suspeita de ser agente subversivo de Napoleão. Posteriormente ganhou reconhecimento por sua disciplina e seus princípios de defesa da civilização indígena, contra a brutalidade dos militares e funcionários do governo.

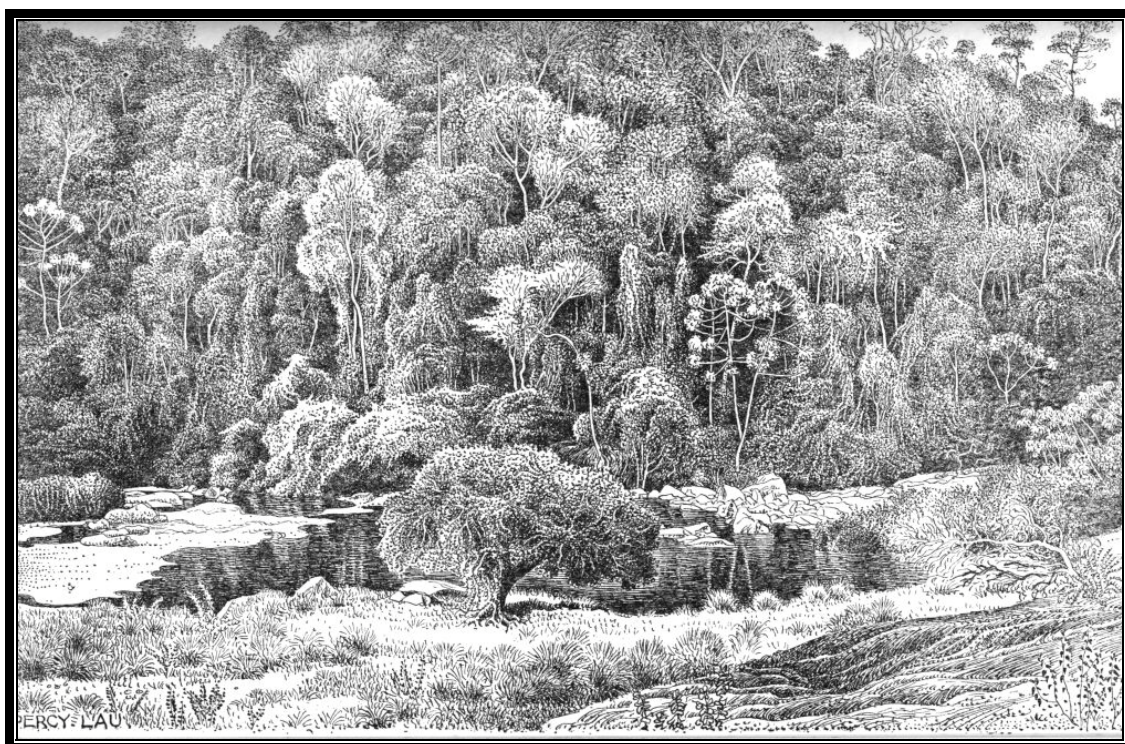


Figura 02: Paisagem da região à época da fundação de Cataguases - Desenho de Percy Lau (Fonte FIBGE)

Nomeado tenente-coronel do Regimento de Cavalaria das Minas Gerais, foi encarregado das divisões militares do Rio Doce e, da “Civilização e Catequese dos Índios” e instala seu quartel na localidade da Serra da Onça, mais tarde, denominando-o Guidoal, onde receberia inúmeros visitantes e pesquisadores estrangeiros, e, inicia sua obra de desbravador da região e catequista dos índios, que nutriam pelos colonos forte aversão.

Em 1828, Marlière chegou ao lugar chamado Porto dos Diamantes, onde havia um arraial de brasileiros, além dos índios Coroados, Coropós e Puris. Daí a tornar-se o Arraial do Meia-Pataca, por causa da meia-pataca de ouro encontrada em um ribeirão, sob o orago de

Santa Rita de Cássia. Marlière aceitou os terrenos doados pelo Sargento de Ordenanças Henrique de Azevedo, onde traçou os limites e fundou a povoação, determinando ainda um traçado que serviria de plano pioneiro para a ocupação do terraço.

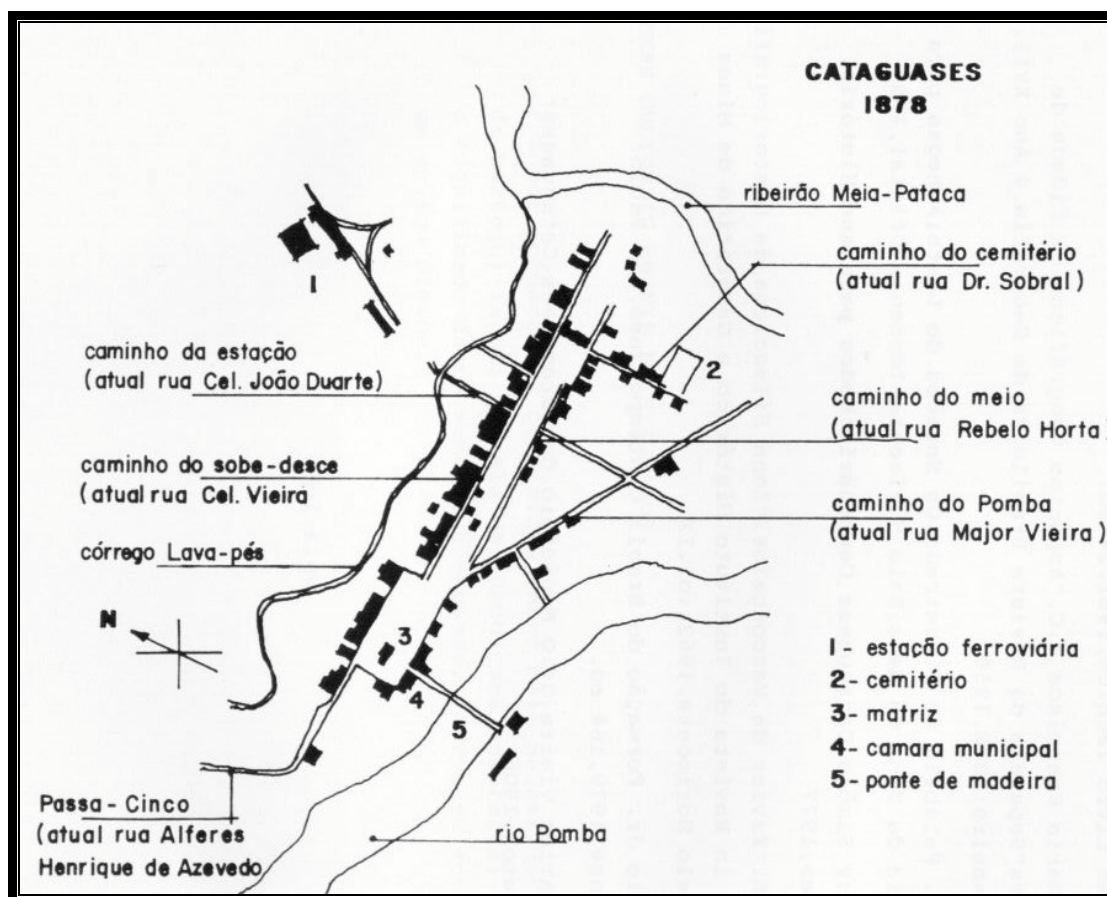


Figura 03: Esboço urbano de Cataguases em 1878 (Arquivo Público Municipal)

Um ano depois de fundar Cataguases, Marlière foi reformado no posto de coronel, sentindo-se frustrado por não poder terminar a sua obra, mas, naquele que pode ser considerado o período rústico da Zona da Mata, Marlière, enquanto inspecionava os serviços da Estrada de Minas aos Campos dos Goitacazes, na Província do Rio de Janeiro, fundou várias outras povoações. Aquela estrada atenderia a uma nova política de ocupação da Região da Zona da Mata.

O Arraial de Meia-Pataca, atual Cataguases, a partir desse período, recebeu novos colonos, oriundos da região mineradora, ora esgotada, e estabeleceu ligações familiares importantes, entre os Vieira de Resende, os Dutra, os Junqueira, os Ferreira, dentre outros, também de importância econômica ou política, e recebendo benfeitorias passou a experimentar através da economia cafeeira um desenvolvimento econômico que o elevou à

condição de Vila e posteriormente a Município, em 1877.

Sitiada em terrenos sedimentares na margem esquerda do Rio Pomba, Cataguases nasce sob um efeito de transmigração de espaço, onde se alocam os senhores que antes dominavam outro espaço econômico, no caso a região aurífera, passando a dominar a economia local e, obtendo através da lavoura do café a forma de recuperação da decadência mineradora. A criação do povoado já havia sido autorizada pelo governador da Capitania, Diogo Lopes da Silva, desde 1767, que deveria ser ocupado por mineradores egressos da região do ouro. Um século depois a política de migrações para a região muda. Não mais a busca do ouro, a atividade de atração passa a ser a lavoura de cafeeira. Assim começam a chegar os novos migrantes.

A 25 de novembro de 1875, era sancionada a Lei Provincial nº 2,180 que criava o município de Cataguases, composto das freguesias do Meia-Pataca, Laranjal e Empoçado, desmembradas dos municípios de Leopoldina, Ubá e Muriaé, e das Freguesias de Santo Antônio do Muriaé e Capivara; a sede do município será na Freguesia do Meia-Pataca, elevado à categoria de Vila, passando a chamar-se, Cataguases. Este nome origina-se de uma atitude sentimental do coronel José Vieira de Resende e Silva, remontando ao rio Cataguases, na região de sua infância, Lagoa Dourada. Apesar da criação em 1875, apenas em 1877 a Vila de Cataguases foi instalada, no dia 7 de setembro daquele ano. Por essa época, a Estrada de Ferro Leopoldina, já chegava à cidade por causa do café ali produzido.

Considerações sobre os Aspectos Históricos

Avaliando que a cidade de Cataguases destaca-se no cenário nacional, em função de um processo que, iniciado na década de 1920 propiciou fixar em sua paisagem, marcas permanentes de um patrimônio cultural literário, artístico e arquitetônico; inquieta-nos buscar algumas outras respostas e investigar quais foram as ações que propiciaram tal legado, assim como, uma “vocação” para a modernidade, passando por sucessivas fases e, atualmente ressurgindo na forma de instituições culturais que buscam uma recuperação de determinados espaços e o conseqüente rearranjo cultural da cidade.

Dentro desse processo, procuramos identificar como aconteceu essa evolução no tempo, bem como sua ação transformadora sobre o espaço, na construção de um conjunto de formas materiais articuladas sobre o mesmo. Portanto, trata-se então que o espaço urbano é um reflexo provocado pelas sociedades e, como as mesmas, para reproduzirem as condições

de sua existência, estabelecem relações vitais com seu espaço, tornando-se força produtiva e, aliada aos meios por ela mesma criados, é o agente da transformação do espaço.

CORRÊA (2001), considera a cidade a expressão concreta dos processos sociais na forma de um ambiente físico, construído sobre o espaço geográfico. Contudo, para que os processos sociais possam aplicar e produzir forma, movimento e conteúdo sobre o espaço geográfico, eventualmente urbano, a qualquer tempo é preciso que se sirva de algum vetor. No caso específico a economia foi imprescindível no primeiro momento, para lhe dar organização citadina e interações próprias da sociedade, como o fluxo de capital, migrações e outros.

Fruto de nossa averiguação é consenso que a economia cataguasense tem seu princípio, sustentada pela lavoura cafeeira, fundamental ao processo ora em discussão, entretanto, as opiniões divergem quanto ao melhor momento econômico que a cidade atravessou no período em questão, seja pela distensão temporal ou pela própria ausência de dados em que se apoiar. Todavia, há unanimidade em afirmar que a cafeicultura foi preponderante para a economia cataguasense e todas as suas decorrências. Foi com base na economia cafeeira, que o empresariado cataguasense reorganizou seu capital, permitindo novos empreendimentos. Curiosamente, o relato nos aponta para um quadro cronológico iniciado com uma colônia portuguesa na cidade, dominando toda a economia e assumindo o comando político cataguasense, quando, segundo depoimento cerca de duzentos portugueses chegam a estabelecer um consulado em Cataguases.

A economia cafeeira movimentava a cidade. No princípio tudo era em função do café, desde o trabalho na lavoura, passando pela cidade nos armazéns de beneficiamento e comercialização, até o transporte e exportação do produto; tudo girava em torno do que o café proporcionava. A estrada de ferro chegava em 1877, em função do café, pois Cataguases tornou-se pólo distribuidor de café de todas as fazendas da redondeza, através do Cel. João Duarte, português, que na ocasião dominava a economia local. Imediatamente o café permitiu que tivessem um meio de comunicação eficiente. Mas permitiu mais, o enriquecimento de alguns grupos, simultaneamente criando um proletariado urbano, concorrendo enfim para estruturar as classes sociais.

Curiosamente Cataguases não possuía terras férteis para a agricultura cafeeira, mas serviu como base para as demais localidades, que através dos escritórios ali instalados, podiam exportar seu produto, mantendo toda uma estrutura criada na cidade para este fim. Desde sua fundação até o final da década de 20, na área compreendida pela Praça da Estação

e suas adjacências, estabelecia-se o grosso da economia local. Primeiramente com a construção da Estação ferroviária da Estrada de Ferro Leopoldina em 1877, a seguir com o entroncamento da Estrada de Ferro Cataguases, para o escoamento da produção de café, estabelecendo ligação com os atuais municípios de Santana de Cataguases e Mirai, sendo o último, grande cafeicultor.

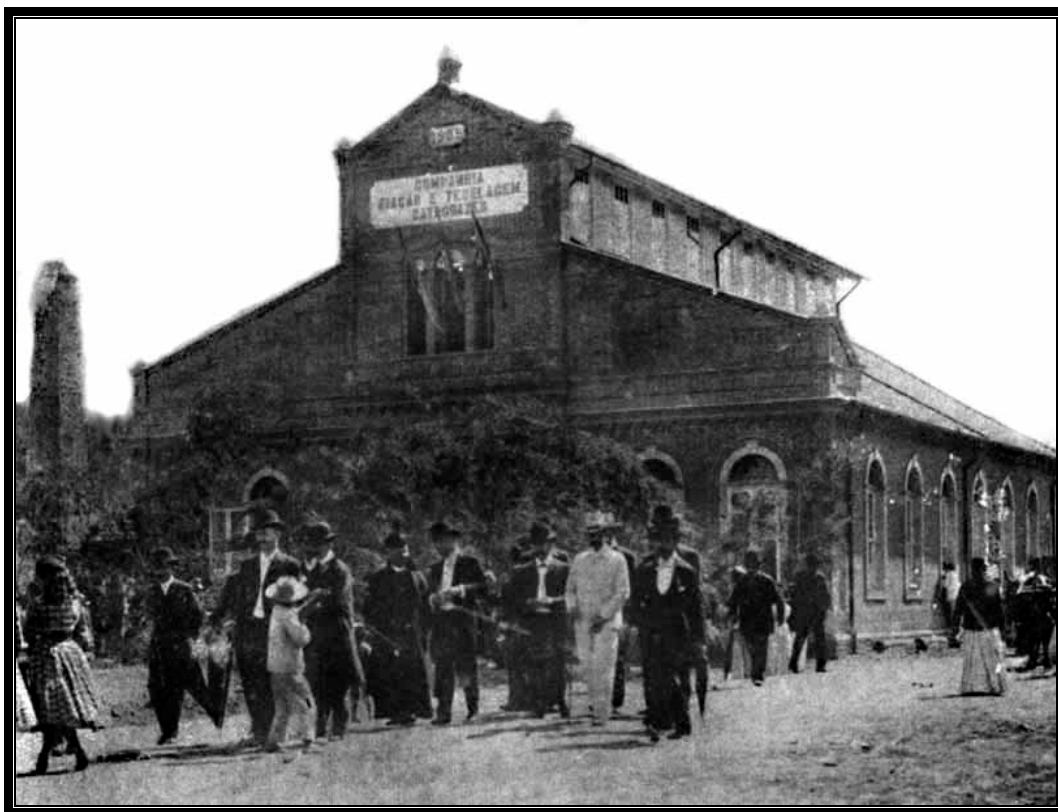


Figura 04: Inauguração da primeira fábrica de tecidos em 1905 (Arquivo Público Municipal)

Não por acaso, mas a primeira indústria de tecidos de Cataguases, a Companhia de Fiação e Tecidos Cataguases, mais tarde, Indústria Irmãos Peixoto, estabelece-se a poucos metros da Estação. Foi realmente um complexo naquela área da cidade, com a instalação de hotéis, armazéns atacadistas, escritórios para exportação, além de um sem número de atividades ancilares ao processo ora em funcionamento. Ali também existia vida social, pois a estação ferroviária, como meio de comunicação, servia não só ao transporte, mas, também como ponto de encontro; haviam os embarques e desembarques de mercadorias e pessoas.

Antecipando sobre sua crise nas décadas seguintes, o Relatório de Carlos Prates, de 1906, prenunciava o declínio produtivo do café, assim, a comunidade capitalista cataguasense procurou redirecionar seu capital para a indústria, isso ocorrendo desde a primeira década do

século XX, com ênfase na segunda década. Instala-se na cidade a primeira fábrica de tecidos, a Companhia de Fiação e Tecidos de Cataguases, inaugurada em 1905, inicialmente movida a vapor, no ano seguinte passou a ser utilizar-se da hidroeletricidade; com a instalação da primeira usina da região, em terras do atual município de Itamarati de Minas.

Em 1906, a instalação da Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina, seria outra iniciativa fundamental para a reorganização da economia, financiada com recursos locais. A energia hidroelétrica, antes que um luxo para a época seria de notável utilização para o desenvolvimento de diversas atividades e, principalmente para o crescimento urbano.

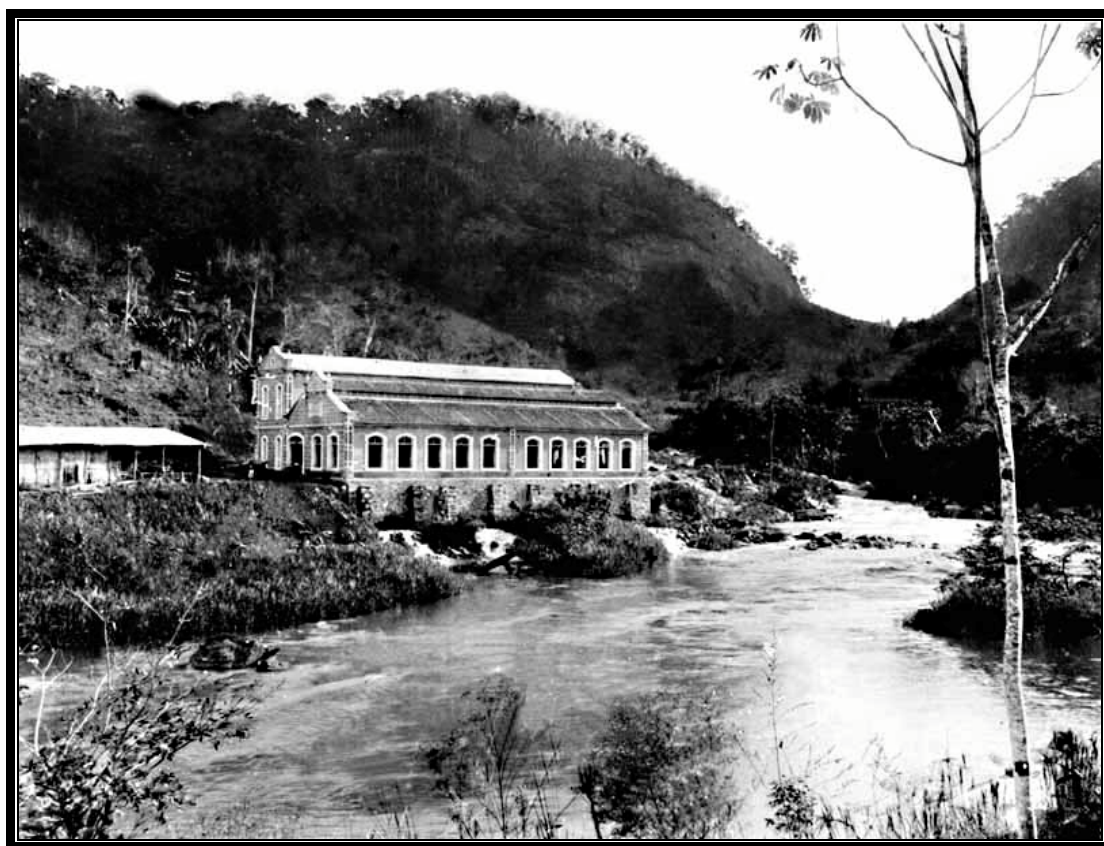


Figura 05: Usina Maurício (Energia Hidroelétrica) de 1906 (Arquivo Público Municipal)

Num segundo momento, houve a criação da segunda fábrica de tecidos, a Companhia Industrial Cataguases, da cidade, na década de 30 com finalização na década seguinte e a criação da terceira fábrica de tecidos, a Companhia Manufatora de Tecidos de Algodão. Percebe-se aí um traço dessa inquietação que se tornaria uma das características marcantes da sociedade cataguasense, ou seja, ser diferente, reorganizar sua economia, fugir da crise, redirecionar seu capital, tornar-se vanguarda, o que, com certeza constituir-se-ia a base de todo um processo cultural.

Culturalmente Cataguases pode experimentar no período estudado, dois momentos profícuos, sendo de certa forma a década de 40, resultado da década de 20, considerados determinados aspectos do processo. Há consenso em afirmar que a década de 20 é a mola propulsora dos demais movimentos, todavia o processo é amplo. Ainda em 1923, o cinema protagonizado por Humberto Mauro, encontrou em Cataguases, as condições que deram suporte ao pioneiro do cinema nacional.

Naquela década, acontecia em São Paulo, uma das maiores manifestações culturais do país: a Semana da Arte Moderna, em 1922. Partícipe ao evento, embora um pouco mais tarde, em 1927, funda-se em Cataguases um grupo denominado, “Grupo Verde”³. Esse movimento conseguiu fazer história e perpetuar-se no meio cultural brasileiro, mantendo vínculo com grupos semelhantes da ex-capital federal, Rio de Janeiro, e de Belo Horizonte, onde aconteciam movimentos semelhantes. Em 1929, após o sexto número, a revista “Verde” morreu junto com seu poeta maior, Ascânio Lopes. Aqueles “ases”⁴, fizeram sua parte e deram projeção ao nome de Cataguases, mas em seguida dispersaram-se pelo país: Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre; contudo as idéias permaneceram, sendo mais tarde reconstituídas sob novas denominações e espaços renovados.

Entretanto, um foi, mas felizmente voltou. Cataguases era sua missão. Francisco Inácio Peixoto, seria um diplomata, mas, cedeu ao apelo da família, voltou para cuidar dos negócios e fez muito mais. Foi o agente da transformação de Cataguases, que na década de 40 atingiu sua melhor conformação, concluindo aquele processo iniciado na década de 20. Consensualmente Cataguases notabilizou-se através de sua economia e cultura. Sob o primeiro aspecto a cidade soube o momento certo de redirecionar seu capital diversificando suas atividades, simultaneamente, permitiu iniciativas no sentido de dar formação pelo menos a parte de sua população, fazendo com que sua população vivenciasse um processo de formação diferente das demais cidades de seu entorno, verificamos que as transformações ocorridas na cidade de Cataguases aconteceram sobretudo, pela opção ao modernismo e sua ação, principalmente na arquitetura.

Cataguases passa a assistir aos filmes de Humberto Mauro, com o surgimento do cinema nacional. Contemporâneo do movimento literário, esse cidadão com todo seu talento a serviço de um sonho: fazer cinema e contribui com mais um vetor na construção do processo

³ GRUPO VERDE: Grupo de jovens intelectuais de Cataguases, que protagonizaram lançar um Manifesto e editar durante um determinado período, uma Revista Literária, que tomou projeção nacional, repercutindo junto aos intelectuais da Semana da Arte Moderna de São Paulo.

⁴ Alusão ao poema de Mário de Andrade, feito em homenagem aos “rapazes de Cataguases”.

que transformaria Cataguases no exemplo atípico de uma cidade, marca indelével no cenário cultural brasileiro. O cinema foi meio eficiente, dentro do movimento de expansão e valorização do espaço, uma vez que provocou a busca por espaços e produziu. O movimento literário veio em seguida com uma publicação literária, mas, isso não seria possível sem que houvesse um arcabouço, não só que financiasse tais movimentos, mas também pelo fato de que havia condições intelectuais para tal.

Dentro do período em questão, a década de 40 foi com certeza o coroamento do processo em andamento. Contando com mais três grandes unidades industriais, especializando-se no ramo dos tecidos, Cataguases recebeu, por essa época, o elemento que a tornou definitivamente contrastante das demais cidades. A questão traz a unanimidade sobre a criação do Colégio Cataguases, que tornou-se o marco divisor entre duas épocas.

O Colégio Cataguases, exemplo da arquitetura modernista que definitivamente aporta na cidade, Cataguases incorpora ao seu espaço o risco do arquiteto Oscar Niemeyer, posteriormente transformado em símbolo da arquitetura moderna, através do prédio do colégio, concluído em 1948, representando o estilo que se perpetuaria na cidade. Neste mesmo colégio, construído no alto de uma colina em meio à densa vegetação, Portinari deixará seu traço e suas cores, com a fantástica obra do mural da Inconfidência Mineira, assim como a escultura de Jan Zach, além de Bruno Giorgi, Bolonha e outros. Principalmente o Colégio trouxe à cidade o gabarito e a qualificação de diversos profissionais do ensino, alunos de outras cidades do país, filhos de pessoas importantes. Essa interação também atraiu elites, trouxe nova mentalidade, tornando Cataguases importante em termos educacionais, causando com isso uma projeção do colégio e da cidade no cenário nacional.

Tal empreendimento partiu da visão cultural de Francisco Peixoto, que, através de seu conhecimento, convencimento e disponibilidade financeira, conseguiu convergir essas ações em um investimento fabuloso. Não foi mecenato, não foi patrocínio; houve um investimento em um acervo fantástico, permitindo, contudo, que a cidade também se beneficiasse dessas ações, visto que, tornou-se possuidora de um patrimônio que notabilizado, multiplicou-se pela influência de tais ações, tornando-a um pólo cultural. Esse investimento na cultura fez com que a cidade passasse a ter um acervo público, uma arte exposta e aberta, influenciando diretamente no arranjo urbano, para o que a arquitetura foi fundamental, porquanto buscava-se a funcionalidade dentro dos padrões modernistas da época.

Para que tais transformações ocorressem no espaço urbano, não bastava somente o empenho de um ou pouco mais agentes do processo, mas o envolvimento da sociedade,

mesmo que fosse através do poder público. Foi o que aconteceu, pois, no plano político, a cidade atravessou uma de suas melhores fases, contando em períodos das décadas de 40 e 50, com três deputados, sendo dois federais e um estadual, ajudando, portanto a projetar Cataguases, bem como intercedendo junto às demais esferas do poder público. Entretanto, segundo depoimento recolhido, a querela política entre as duas principais correntes, foi capaz de desunir e prejudicar a cidade que poderia hoje ser um tanto maior.

Francisco Peixoto, embora um literato, influenciou muito mais nas artes plásticas e na arquitetura, do que na literatura. Conseguiu mais uma vez, conjugando convencimento, cultura e poder, incutir o gosto pelo modernismo na população cataguasense, fazendo com que houvesse uma disseminação daquele modelo funcional e urbano de viver. Os depoimentos enfatizam as repercussões positivas de todo esse processo, e, por outro lado, não são unânimes em ressaltar sobre os aspectos negativos durante o período em questão.

Quando comentamos sobre o movimento modernista na cidade, fica explícito o seu papel no arranjo urbano da cidade. Fora a literatura, que restringe-se a ambientes adequados à sua prática, ou a pintura que vez por outra manifesta-se à grande multidão sob a forma de painéis. Segundo depoimento, o modernismo veio para chocar. Foi um choque essa passagem para o modernismo e pode desnudar-se sob a forma arquitetônica de forma irreversível. Entretanto a digestão foi lenta, pois o primeiro choque cultural aconteceu na década de 20; somente anos e anos depois, na década de 40, aconteceria a consecução dessa passagem.

Francisco Inácio Peixoto, não por acaso tivesse participado do movimento de 1927, em 1943, convida Niemeyer a projetar sua casa, bem como a outros nomes consagrados para elaborar projetos de mobiliário e paisagismo. Simultaneamente lhe encomenda o projeto para o Colégio Cataguases, que havia adquirido no ano anterior, convida também Portinari a pintar um mural, o qual tornou-se o grande Mural da Inconfidência Mineira, encontrando-se hoje exposto no Memorial da América Latina em São Paulo/SP. Cataguases receberia de imediato, as obras daquele que seria mais tarde o grande nome da arquitetura nacional, acompanhado de outros profissionais do mesmo calibre.

Quando comparamos as imagens das duas principais tecelagens da cidade, é notável a diferença de estilos entre as duas construções, sendo que a primeira foi construída na primeira década do século XX e a segunda, na década de 30. A construção da Companhia Industrial Cataguases, na década de 30, já traz diferenças bem características no estilo arquitetônico, marcado pela funcionalidade adotada.

Por outro lado, esse gosto pelo moderno, torna-se também voraz e elimina alguns

elementos importantes do patrimônio arquitetônico cataguasense. Sejam eles, alguns prédios que representavam um estilo de época, que deveriam ser preservados, assim como o são a Prefeitura Municipal e a Estação ferroviária, bem como a casa da Chácara Dona Catarina. O Teatro Recreio seria um bom exemplo de assim como o foram os monumentos citados anteriormente. De estilo maneirista italiano foi construído em 1895, tendo sido demolido em 1947, cedendo lugar ao moderno edifício que abriga o atual Cine Teatro Edgar. Conforme depoimento recolhido, mais tarde Francisco Inácio Peixoto, arrependeu-se de ter mandado demolir o prédio do Teatro Recreio, entretanto, tudo tinha de ser demolido para ser posteriormente construído dentro das concepções modernas. Ainda que perceba-se neste caso uma certa ingenuidade em lidar com o patrimônio, nota-se uma inquietação, própria do modernismo e do cataguasense.

Os depoimentos coletados sem dúvida estabeleceram pontos fundamentais para o entendimento acerca da questão proposta. De certa maneira foram quase unânimes em todos os questionamentos com pequenas variações que não retiraram o sentido e a conformação das respostas.

Análise dos Aspectos Geográficos

Os aspectos descritos anteriormente tornaram Cataguases uma cidade diferente, com excelente traçado urbano e arquitetura ponderável. A cidade, por ocupar um fundo de vale, estabeleceu sua ocupação urbana preferencialmente pelas áreas mais planas, ocasionalmente com pequenas elevações. A preocupação do fundador era de que aquele terraço de forma trilateral, abrangendo de um lado a margem norte do Rio Pomba, de outro o curso do Ribeirão Meia Pataca e por outro uma colina, atualmente lindeira à via férrea, não sofresse uma ocupação desordenada.

Esta zona de terraço dos dois principais cursos d'água que cortam a cidade, por não oferecer obstáculos, facilitou sobremaneira a ocupação central da cidade, destacando-se a elevação onde estão localizadas as principais praças. Todavia, parte dessa área constituindo uma cavidade, principalmente próxima ao curso do Ribeirão Meia Pataca, fosse eventualmente ameaçado por enchentes causadas pelas cheias do Rio Pomba. Com exceção da área central, e, ainda sem o necessário planejamento urbano, as demais edificações dos núcleos urbanos seguiam um modelo de agrupamento linear, ao longo de uma rua que por sua vez delineava-se ao redor de alguma colina. Não obstante, CARDOSO (1955), já identificara

o relevo movimentado, contrastando com a baixada aluvial, com morros a um nível de 350 a 400 metros, praticamente cercando a cidade e simultaneamente facilitando o abastecimento d'água feito por gravidade.

A cidade ainda pequena experimentava um certo incremento populacional devido às migrações do campo para a cidade tendo em vista o declínio da lavoura cafeeira, também porque a indústria dava sinais de crescimento, confirmado pela instalação de novas unidades na década seguinte, que foi uma fase de transição das transformações ocorridas na cidade.

Cataguases empreendia assim uma ação urbana bastante vigorosa, com a implementação de nova unidade fabril. Ao mesmo tempo as atividades camponesas estavam em crise, fazendo com que maior parte da população rural demandasse o emprego nas fábricas da cidade, aumentando ainda mais a massa trabalhadora urbana, conseqüentemente ampliando e modificando o espaço urbano, o que se tornou reflexo também nas condições de ocupação e nas concepções arquitetônicas da cidade.



Figura 06: Vista parcial da cidade (Arquivo Público Municipal)

Essa população oriunda do campo, onde a economia se deteriorava, incrementa o grau de urbanização, entretanto, estará necessariamente afastada da educação básica escolar, que

não dispunha de horários ou programas especiais, que favorecessem os operários das indústrias, ora em crescimento, segundo relato (MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – Cataguases - Volume 1, 1988). Serviria, contudo, ao processo de valorização do espaço e sua conseqüente expansão pela incorporação de valor através do trabalho.

Freqüentemente, o trabalhador rural que aporta à cidade não se conformaria com os inconvenientes que o espaço urbano provoca. Necessitaria, portanto, de mais “largueza” para sua moradia, buscando então terrenos mais baratos e uma vida social dentro de sua própria classe, mesmo porque, os bairros operários são limitados. ESTRADA (1986) sugere que as formas de ocupação do espaço vão sendo afetadas, produzindo uma aparente desorganização do espaço. Tal situação provocará também seu próprio meio de cultura, baseada principalmente no folclore popular, na herança dos escravos, nas lides religiosas, etc..

ROSSINI (1986) corrobora o ensinamento de SANTOS (1979), dizendo que o geógrafo analisa o processo de produção, vez que o ato de produzir é produzir também o espaço. Assim, o processo de produção do espaço, historicamente terá sua produção determinada pela formação econômica daquele espaço, refletindo no sujeito que é o agente do processo. Sobre este aspecto BARRIOS (1996), sugere que as formações sociais em sua evolução, passam de uma situação de simples ocupação e aproveitamento do espaço, para uma situação de transformação cada vez mais ampla e profunda desse espaço, compreendendo não a produção de bens materiais, mas a adequação às necessidades individuais e coletivas. A planta urbana cataguasense e suas concepções arquitetônicas explicam o grau de urbanização, a apropriação do espaço e sua conseqüente valorização, incorpora-o não só de valor funcional e produtivo, mas de valor cultural.

Concebido seu primeiro traçado, na década de 20 do século XIX, a arquitetura da década de 40 do século XX, veio incorporar e através do modernismo ditar o rearranjo do espaço urbano de Cataguases. Novas soluções de ocupação do espaço foram adotadas, com ênfase a largas avenidas de penetração, bem como a ocupação das encostas de maneira ordenada utilizando-se das isolinhas. Concomitante muito se construiu; hotel, colégio, praças, igreja, casas de família, mesmo aquelas mais simples adotavam soluções arquitetônicas modernistas.

O viés da industrialização adotado pelos empresários cataguasenses é que permitiu que tal movimento pudesse ser levado a cabo. Note-se que seu principal agente pertencia à família dos grandes industriais da tecelagem, e que utilizando-se do movimento modernista, segundo depoimento, além de seu aspecto cultural, como investimento, visando um retorno e

construindo magnífico acervo. Mas, a industrialização permitiu também e, principalmente, que Cataguases pudesse alavancar sua economia dando maior impulso ao arranjo urbano. Ela foi fundamental no processo urbano da cidade, pois produzindo mais depressa, permitia que o resultado também fosse mais rápido, mais eficiente, mais moderno.

Ainda que o trabalhador urbano, das indústrias, tivesse seus percalços; trabalhava protegido do sol e da chuva e podia contar com o resultado certo, facilitando inclusive uma vida econômica e social melhor, ao contrário do homem do campo que exposto às intempéries, nem sempre contava com o resultado esperado, tendo em vista inclusive que o solo da região, pela distrofia e sem os recursos atualmente empregados, não se notabilizava por boa produtividade. Por outro lado o cidadão passa a pensar também diferente, mais rápido. Passa a reclamar e a exigir soluções de atendimento citadino, quer ruas calçadas, quer rede de esgoto, quer água canalizada, quer escolas, quer lazer, etc., etc., posturas surgidas da própria industrialização.

A década de 30 foi marcada pela instalação da Companhia Industrial Cataguases, outra fábrica de tecidos que se estabelecerá na margem sul do Rio Pomba. Há, portanto, todo um deslocamento da ocupação do espaço, urbanizando o outro lado do rio, catalisando assim todo um processo que se empreende na urbanização do local e adjacências. Partindo do princípio que a instalação daquela nova unidade buscou um espaço fragmentado do centro, todavia, como medida planejada, demandando um espaço que lhe permitisse trabalhar em outra escala, sua articulação com os demais meios urbanos não ficaria prejudicada.

Temos, portanto nova apropriação de espaço e conseqüentemente nova unidade de produção, repetindo todo o processo espacial, produzindo e incorporando de valor um novo espaço, num período que o processo social cataguasense busca transformações também na forma de apropriação e construção do espaço. A arquitetura da nova indústria denuncia esse rompimento com o modelo do passado, buscando soluções eficientes que garantam solidez e funcionalidade ao empreendimento. São linhas retas ocupando racionalmente todo o espaço disponível.

A industrialização em Cataguases no período em questão fez mais, construiu casas para seus operários Bairros e vilas operárias surgiram nesse período. Mais uma vez, os depoimentos revelam que, foi idéia de Francisco Peixoto, a construção de casas para os operários. Começando com a Indústria Irmãos Peixoto, antiga Indústria de Fiação e Tecelagem de Cataguases, a Vila Peixoto instalada nos fundos da indústria foi o primeiro espaço a ser ocupado por uma categoria. Nota-se entretanto a preocupação também em

construir casas menos modestas para funcionários mais categorizados, os mestres e contramestres da indústria.

De qualquer forma, categorizando ou não, tal ação foi providencial ao arranjo urbano, pois evitou uma ocupação desorganizada, onde seria mais difícil a prestação dos serviços urbanos, ou, simplesmente ela tardaria a acontecer, a depender do serviço público. A vila construída, embora com moradias simples, mas de boa qualidade, serviu não só aos operários, mas também a uma articulação do espaço, porquanto mantinha os operários próximos à indústria, o que seria em primeira análise a garantia de tê-lo sempre perto do trabalho e aos olhos dos encarregados. Assim, o espaço urbano das vilas articulava-se diretamente ao espaço das indústrias.

Quando da instalação da Companhia Industrial Cataguases, ocupando o outro lado do rio, inaugura-se o segundo bairro industrial da cidade, concomitante, inaugurando uma nova forma de ocupação, um novo modelo de ocupação. Logo acima do terreno da nova indústria, é construído o novo bairro operário. Ali, acompanhando as curvas de nível são construídas residências diferenciadas para os operários e mestres. Inova-se, portanto, na construção; por ser uma encosta, utiliza-se de técnicas de terraplenagem, contrastando ao modo de ocupação dos terraços aluviais.

O bairro Jardim, que é a denominação do novo bairro operário durante um largo período é chamado pela população de “favela”, obviamente pelo novo modo de ocupação do espaço e por não estar acostumado a habitar em encostas, buscando tal denominação provavelmente em aceção ao modo de ocupação dos morros do Rio de Janeiro, capital federal da época, com a qual Cataguases mantinha estreito vínculo.

Com sutis diferenças, os depoimentos observam a preocupação dos empresários em suprir a deficiência do Estado, numa época que praticamente não existiam leis que protegesse o operário ou, as que existiam eram deficientes, proporcionando ao operariado cataguasense, guardados os interesses maiores, usufruir de uma moradia disponibilizada pelas principais indústrias.

De pronto estará confirmada a desigualdade com que se faz a ocupação do espaço, repetindo SANTOS (1979) quando comenta que o valor do espaço dependerá de níveis qualitativos e quantitativos. Repete-se, portanto, determinado historicamente o processo de ocupação do espaço, segundo o ponto de vista do sujeito que é o agente do processo.

Considerações Finais

Pelos levantamentos realizados, considerando os depoimentos recolhidos e finalmente pela análise do conjunto do material, depreende-se que Cataguases era um município eminentemente rural, como todos os demais da época, dependente única e exclusivamente da produção agrícola para construir e manter sua estrutura citadina.

Através do processo social instaurado, Cataguases conseguiu, de forma eficiente, redirecionar seu capital acumulado, iniciando uma passagem para o modo de vida urbano propriamente dito, já no início do século XX. Essa passagem, mesmo que possa ter sofrido algum revés, próprio de qualquer processo, não refluíu, alcançando plenamente seu objetivo e permitindo a Cataguases, tornar-se “sui generis” dentre as demais cidades de seu entorno, uma de suas principais características.

O período em questão, a saber, compreendendo as décadas de 20, 30 e 40 do século XX, foi extremamente fecundo de acontecimentos marcantes sob vários aspectos. Um período entre as duas principais guerras declaradas do século XX, a Semana da Arte Moderna/SP em 1922, o colapso da economia norte-americana em 1929, a Revolução de 1930 e a instauração do Estado Novo no Brasil, a reformulação dos direitos políticos e a consolidação trabalhista brasileira, dentre outros.

Cataguases alavancou sua economia com base na lavoura cafeeira, redirecionando seus investimentos para a industrialização, o que a tornou eminentemente urbana, sedimentando esse aspecto na década de trinta, quando investe na implantação de novas e maiores unidades industriais.

Mas, em meio a toda inquietação do período, isso só não tornaria Cataguases diferente, mas sim, o movimento intelectual modernista, conjugado ao evento do cinema de Humberto Mauro, na década de 20, foi fundamental à questão epígrafe; o levantamento e desenvolvimento do trabalho, baseado nos depoimentos coletados, vem nos confirmar tal fato. Mas, se na década de 20 esse movimento cultural foi fundamental, os depoimentos apontam e confirmam a década de 40 como o coroamento e marco divisor de Cataguases no seu arranjo urbano.

O complexo que se estabelece com arcabouço na economia industrial, aliada a este pano de fundo do movimento cultural modernista foi então essencial para a concepção do arranjo urbano de Cataguases, notabilizando-o pela arquitetura.

Portanto, graças aos investimentos realizados pelos principais agentes do processo, o modernismo instala-se definitivamente na cidade. São engolidos os modelos antigos, os espaços são reocupados, doravante por soluções que contemplem a praticidade do moderno. Se a década de 20 é fundamental, a de 40 é por sua vez decisiva, na conformação do rico patrimônio que Cataguases construiu, seja ele literário, artístico ou arquitetônico. Na última década do século XX, Cataguases voltou a experimentar novos rearranjos em seu espaço urbano. Sua malha foi modificada, permitindo novos acessos, espaços e naturalmente novos impactos na economia do município e sua sociedade.

Graças à iniciativa de alguns setores privados e, a partir de leis de incentivo fiscal, alguns espaços culturais foram criados e outros recuperados, permitindo neste segmento uma nova política para a cidade. Aquele espaço que era econômico, transformou-se e passou a produzir cultura. Tais instituições assumem e aparecem como formas robustas, que oferecem a parte da população, a oportunidade de participar e de tornar a florescer sua verve criativa, reacendendo aquele velho poder de inquietação que, aliado às condições econômicas da atualidade, permitem que a população de maneira geral passe a frequentar os espaços culturais oferecidos.

O complexo cultural atual repete de certa forma o processo modernista de engolir o passado, regurgitando-o como nova forma de expressão. Cataguases tem-se primado por reestruturar sua ocupação espacial, transformando espaços, antes econômicos, em atuais centros catalisadores e difusores de cultura.

Talvez o momento escolhido para a realização deste trabalho, tenha sido a ideal, pelo fato de estar acontecendo uma revitalização da cultura, bem como do arranjo urbano da cidade. Penso que se tal levantamento tivesse sido feito na década de 80, o entusiasmo das respostas dos entrevistados, não seria o mesmo.

Referências Bibliográficas

AS MINAS GERAIS – Zona da Mata – Biblioteca Interativa. Belo Horizonte: Tratos Culturais, 1997. (CD-ROM).

BARRIOS, Sônia. A Produção do Espaço, IN: SANTOS e SOUZA. A Construção do Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

BLASENHEIM, Peter. Uma História Regional: A Zona da Mata Mineira (1870-1906). IN: V Seminário de Estudos Mineiros, Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

CARDOSO, M. F. T. C.. Aspectos Geográficos da Cidade de Cataguases Separata da Revista Brasileira de Geografia , Rio de Janeiro: IBGE, nº 4, ano XVII, out/dez de 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

DIAS, Fernando Correia. O Movimento Modernista em Minas. Brasília: Ed. UnB, 1971.

ESTRADA, Maria Lúcia. O processo de produção do espaço urbano-industrial: um exercício teórico-metodológico, IN: SANTOS e SOUZA. A Construção do Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

FERRARA, L. D'Alessio. As Cidades Ilegíveis, IN: OLIVEIRA, Livia de & RIO, Vicente Del, São Carlos/SP, EdUFSCar/Stúdio Nobel.

LIMA, João H.. Café e Indústria em Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – CATAGUASES , Volume 1, Belo Horizonte: PROED/UFGM, 1988.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL – CATAGUASES , Volume 2, Belo Horizonte: PROED/UFGM, 1990.

MORAES, A. C. R. & COSTA, W. M. da. Geografia Crítica - A Valorização do Espaço. 4ª edição, São Paulo: Hucitec, 1999.

RESENDE, Enrique. Pequena História Sentimental de Cataguases. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

ROSSINI, Rosa Ester. A produção do novo espaço rural: pressupostos gerais para a compreensão dos conflitos sociais no campo, IN: SANTOS e SOUZA. A Construção do Espaço. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTOS, Milton. A Divisão do Trabalho Social como uma Nova Pista para o Estudo da Organização Espacial e da Urbanização nos Países Subdesenvolvidos, IN: SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade. Petrópolis/RJ, Vozes, 1979.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e Método, IN: SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade. Petrópolis/RJ, Vozes, 1979.

SINGER, Paul. Economia Política da Urbanização. Brasiliense

STEIN, Stanley J.. Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil – 1850/1950. Rio de Janeiro: Campus, 1979.